

3

Professores de Ensino superior: uma reflexão do trabalho docente dentro da visão de trabalho na contemporaneidade

“A alma dos homens tem, frequentemente, uma data diversa da do século.

Se contemplarmos com atenção as criaturas, na sua atividade normal, desde logo nos encontramos com inúmeros representantes de um imóvel passado, herdeiros de todos os preconceitos de uma determinada época, empenhados em transmitir-los intactos às gerações seguintes, sem pensarem, jamais, na conveniência ou inconveniência de semelhante herança.

Por outro lado, existe, também, os detentores de uma inquietude nova, inadaptáveis ao meio e ao tempo em que atuam, semeadores arrojados de um futuro que eles mesmos raramente chegam a conhecer, precursores de épocas sentidas e vividas apenas pela antecipação do sonho, e através de todos os sofrimentos decorrentes de uma tal condição.

A qual, desses dois grupos, em que se divide o mundo, deve pertencer o educador?

Sua função determina que seja ao segundo.

Pois não é ele o orientador de criaturas que vão chegar à plenitude, e realizar sua vida num tempo que não é mais o atual?”[Cecília Meireles, trecho da crônica: As qualidades do educador, p.177-178 - Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 18 de Outubro de 1930]

Segundo Ewald et al. (2006), o trabalho docente atravessa duas problemáticas centrais na atualidade. São elas: 1) as mudanças que foram introduzidas no mundo do trabalho, modificações estas originadas pelo avanço das tecnologias da informação e pelo processo mais geral de globalização e 2) as reordenações no sistema educacional.

Levando em consideração essas duas categorias propostas por Ewald (op.cit), pode-se dizer que **este** estudo concentra-se em discutir/levantar questões relativas ao primeiro item, particularmente, aos efeitos da inserção do computador e da *Internet* no trabalho dos professores de ensino superior, bem como os possíveis efeitos em sua subjetividade.

Assim, as mudanças/evoluções/transformações nas várias facetas sociais discutidas no capítulo 2 repercutem também, entre outras áreas, no mercado de

trabalho. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a categoria profissional: professor universitário que, se de certa forma tem suas particularidades, não está isento dos efeitos globais das mudanças contemporâneas.

Ao pensarmos no professor universitário como um trabalhador inserido no mercado de trabalho que está em constantes mudanças e apresenta um novo sistema produtivo permeado pela flexibilização, pelo aumento da mobilidade e pela imprevisibilidade a longo prazo, devemos pensar também nas repercussões dessas mudanças. Assim, o docente pode, como em outras categorias de trabalho, necessitar de uma reorganização nos âmbitos material e pessoal, sendo que, neste último, as modificações são diferenciadas de sujeito para sujeito, grande parte das vezes, inconscientes.

Assim, pode-se dizer que introduzir mudanças na rotina de trabalho, seja em sua organização ou dinâmica interpessoal, além de exigir uma constante adaptação espaço-temporal do trabalhador, poderá, também, evocar uma necessidade de adaptação interna/subjetiva do indivíduo.

Seguindo esse raciocínio, o ponto que desejamos levantar neste momento, não se refere ao fato dessas mudanças e reorganizações serem boas ou más, positivas ou negativas, nem mesmo, evidentemente, descrever uma “receita de bolo” a respeito de como agir nos tempos atuais. Levantaremos, através do discurso dos professores, como estão percebendo e sentindo tais mudanças e quais são as estratégias por eles adotadas para vencer possíveis desafios e pressões em seu cotidiano de trabalho.

Podemos observar que, a pressão pelo aumento da produtividade acontece em praticamente todos os setores do mercado de trabalho, como foi amplamente discutido no capítulo 2; porém, se antes a educação não era considerada um desses setores, na atualidade não podemos deixar de englobá-la considerando que tanto escolas como universidades, sejam elas públicas ou privadas, estão inseridas neste contexto sócio-econômico que se encontra em ebulição.

O ensino, visto como uma prática profissional, possui características particulares, como foi dito anteriormente, geradoras de problemas físicos e psíquicos para o professor. Um exemplo disso é a pressão que professores de ensino superior vêm sofrendo para aumentar a produtividade de artigos e, mais do que isso, para publicá-los em revistas que também estejam online, para

lançamento de notas e viabilização de material didático na web, para preenchimento de relatórios e currículos nas mais diferentes plataformas.

O preenchimento de diversos modelos de currículos pode significar, na sua grande maioria, trabalho redobrado, pois não basta somente o professor “copiar e colar” as informações de um documento para o outro. Muitas vezes, uma base de dados não “reconhece” a outra dificultando a simples transferência destes. Dessa forma, os professores têm de reescrever as informações, quando necessário, o que pode afetar o “ritmo” do seu trabalho, que por sua vez, influencia no investimento de tempo que este faz em cada atividade.

Tentar aliar seu próprio ritmo ao ritmo de tais mudanças talvez seja, hoje, um dos maiores desafios desses profissionais. Nesse sentido, muitos professores se vêem mergulhados em uma dissonância entre qualidade e quantidade, num movimento em alta velocidade de transformação de sua rotina de trabalho.

Um trabalho de qualidade seria a adequação das tarefas reais que constituem seu trabalho como professor a um tempo planejado e suficiente à sua realização, enquanto que, no trabalho voltado para a quantidade (que parece ser o mais frequente na atualidade), o número de atividades exercidas excede todo e qualquer planejamento prévio). Interessante questão se coloca neste momento: a rotina que sempre foi “mal vista” agora parece fazer falta.

Levando em consideração o sentido estrito da palavra rotina - que se refere a uma prática constante - sem entrarmos em longas discussões, poderíamos até nos indagar: o que aconteceu com a rotina? Será que, diante de contínuas mudanças, que parecem não ter fim, a rotina ainda existe? O que parece acontecer é que, como o trabalho vem mudando, as tarefas e atribuições também sofrem reformulações. E aí caberia a questão: as aulas e as outras atividades pertinentes ao trabalho do professor continuam sendo realizadas da mesma forma? Todas as atividades ainda são requeridas? Ou surgiram formas diferentes de se trabalhar devido ao surgimento de novas atividades? O fato é: houve um aumento ou uma diminuição de atribuições na sua rotina de trabalho? Parece que, hoje, o professor está trabalhando ou percebendo seu trabalho de forma diferente.

Em uma pesquisa realizada por Lopes (2006), ficaram evidentes as múltiplas dimensões que vêm tomando o trabalho docente na universidade e a ausência do que ele nomeia de uma “rotina prescrita”, ou seja, o professor realizar

tarefas referentes ao seu trabalho cotidiano que estivessem, a rigor, pré-estabelecidas, em sua rotina de trabalho.

A “ausência” de rotina prescrita pode, por um lado, ser representada por alguns hábitos que o professor adquiriu, ao longo do seu dia de trabalho que não são percebidos nem mesmo por eles. Assim, a semana é sempre marcada por alguma atividade diferente, seja por uma questão extraordinária para ser resolvida de última hora, bem como na organização de eventos, reuniões e discussões administrativas e fóruns de discussão sobre assuntos de pesquisa. Segundo a referida pesquisadora, a enorme diversidade do trabalho do professor fragmenta o cotidiano, os esforços, o pensamento, e até as relações.

Foi detectado também um aumento progressivo das atribuições dos professores por pressões externas como, por exemplo, da própria universidade ou por órgãos de fomento de bolsas de pesquisa. A esse respeito Lopes (2006) diz:

“excetuando-se a progressiva burocracia, o preenchimento de formulários e relatórios intermináveis e a contínua e crescente pressão por produtividade, todos os outros aspectos parecem não ser sentidos como problemáticos. Todos os professores alegaram se envolver em mais atividades do que lhes é oficialmente cobrado, seja aceitando participar de projetos e funções (coordenações, comissões, ou simples tarefas do dia-a-dia e/ou para o desenvolvimento dos departamentos) no interior da universidade que não revertem em produção quantificada ou remuneração, seja implicando-se em processos acadêmicos que extrapolam o necessário para a produtividade exigida (bancas, orientações, aulas, encontro com alunos e/ou candidatos à pós-graduação etc), seja inserindo-se atividades excedentes à carga horária nos departamentos”.

Nesse trecho, podemos perceber um aumento crescente do trabalho docente prescrito que se amplia e se diversifica enormemente. Paralelamente, observa-se um aumento ainda maior da atividade real dos professores que se envolvem, cada vez mais, com diferentes tarefas que exigem uma heterogeneidade de investimentos, relações e competências.

Vê-se, de forma geral, a acumulação do trabalho. Alguns autores chegam a defender que as tarefas tendem a ser diversificadas e fragmentadas. Essas características podem ser explicadas pelo surgimento de novas tarefas e/ou trabalho pelo fato de que as tarefas que eram realizadas por outras pessoas passaram a se acumular em um número muito menor de pessoas e até mesmo no próprio professor. Em adição a essas novas tarefas, vê-se, também, aumentar as exigências sobre estes profissionais, que sofrem pressão para alcançar metas de

produtividade em tempo menor e pela necessidade contínua de capacitação e atualização de conteúdos a serem ministrados (Wenzel, 1991; Tenfen, 1992; Codo, 1999; Esteve, 1999).

Diante dessa demanda, será que não poderíamos falar na possibilidade de atualização do “trabalho prescrito”? Ou seja, já que as ferramentas de trabalho, os vínculos de trabalho e a metodologia de trabalho estão mudando, talvez seja a hora de se pensar em uma mudança na definição desse trabalho prescrito. Caso contrário, com tantas novidades e sofisticacões na área educacional, corre-se o risco de ficar ultrapassado.

Para que se “aceite” uma nova redefinição da categoria de trabalho, faz-se necessário que nela estejam claras as regras de como agir. Se essas regras não estiverem claras no sentido: “é permitido” ou “deve-se” fazer, ocorre uma sensação de que estamos saindo do padrão (o que é) considerado normal. A partir do momento que se reformula o conceito de trabalho, inserindo neste, novas qualidades e atribuições, ele se atualiza e deixa de ser absurdamente inalcançável.

Assim, uma nova lógica laboral vem se consolidando no cotidiano do professor de ensino superior. O contexto sociopolítico e a nova organização dos processos de trabalho atravessam a universidade reformatando sua estrutura e, conseqüentemente, o cotidiano dos professores.

Ao levar em consideração as diferenças entre a rotina prescrita e a rotina real, tendo a primeira como o tipo de rotina padrão, que “deveria” ser seguida à risca, em contraposição com a rotina real, que se apresenta no dia-a-dia dos professores como uma realidade exaustiva e sem parâmetros, podemos pensar em uma espécie de perdas e danos. Perdas de práticas e recursos que não existem mais ou que estão obsoletas e/ou de danos no que se refere à subjetividade. Assim, ao se ter uma categoria de tarefas pré-fixadas, qualquer tarefa adicional, que fuja do prescrito, poderá ser considerada excessiva e exagerada de acordo com os padrões que regiam aquela determinada categoria até o momento. Entretanto, se ao contrário, encararmos a rotina como uma categoria que se encontra em transformação, talvez os professores pudessem ter uma outra perspectiva, mais otimista, a de que não estão perdendo as rédeas em relação ao seu trabalho, mas sim, que novas e diferentes formas de conduzir as tarefas estão surgindo no contexto de trabalho atual. Se fosse fácil pensar em mudar, as pessoas não sofreriam tanto. Cabe entendermos, contudo, que cada sujeito tem um tempo

diferente de absorção do novo e, portanto, para mudar. E parece estar aí a grande questão: diante da velocidade de sofisticação dos recursos tecnológicos, como ficam as pessoas que têm um processo mais lento de absorção?

Se a adaptação das pessoas aos novos recursos tecnológicos fosse automática e igualmente padronizada para todos os sujeitos, poderíamos pensar em otimizar, ou seja, melhorar o aproveitamento os recursos empregados e investidos nas instituições de Ensino Superior e o uso das novas tecnologias da informação, por sua vez, seria uma consequência natural. Mas sabemos que os processos de mudanças subjetivas não acompanham as objetivas/materiais e, mais que isso, diferem de pessoa para pessoa.

Enquanto isso, nas diversas tentativas de adaptação e reorganização de novas formas de trabalho, seja no que diz respeito às ferramentas utilizadas no dia-a-dia de trabalho dos professores, seja em sua metodologia, os profissionais da área da educação começam a demonstrar sinais de alterações na saúde e no trabalho, em diversos países europeus tais como: Suécia, França, Alemanha e Reino Unido. Desde o início da década de 1980, o Estresse e a Síndrome de Burnout já eram apontados como os principais problemas enfrentados pelos professores, relata José Manoel Esteve em seus estudos publicados, pela primeira vez, em 1987.

Nas pesquisas desenvolvidas por Esteve (1999), as queixas dos professores pesquisados dizem respeito às condições de trabalho, incluindo condições físicas e psicossociais. Segundo o autor, ressentidos com a desvalorização do seu trabalho, alguns professores adoecem, mas permanecem trabalhando, enquanto outros optam por abandonar a docência em busca de melhores condições de trabalho e de saúde em outras atividades ocupacionais.

A produção do conhecimento sobre saúde e trabalho docente no Brasil se incrementa ao longo da década de 1990. Observa-se a partir desses estudos uma necessidade de aprofundar, ainda mais, a vinculação dos processos de trabalho aos processos de saúde e adoecimento desses trabalhadores.

Segundo Greco, Oliveira e Gomes (1996, p.61) a organização do trabalho determina as suas cargas, ou seja, “as exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho”. Considerando que todo o trabalho é constituído de cargas, o trabalho docente também as tem: cargas físicas – exigências que têm materialidade externa e que se modificam nas interações (interação ambiental), e

cargas psíquicas – disposições psicológicas que adquirem materialidade no próprio corpo e se expressam por meio dele (reações emocionais), que influenciam direta e indiretamente na saúde e na vida dos professores. Para a compreensão da problemática das alterações da relação entre trabalho e a saúde de quem trabalha, torna-se importante saber como o trabalho está organizado.

Segundo a psicodinâmica do trabalho⁴, o trabalhador, ao buscar no trabalho a fonte de prazer e realização e encontrar nele uma fonte de sofrimento e desgaste, entrará em conflito com a organização, pois, no contexto de trabalho, a organização é a vontade do outro que se impõe sobre si. Na medida em que as pessoas internalizam suas expectativas confrontando-as com uma realidade discrepante, surge o conflito que incide negativamente em seu equilíbrio emocional (Dejours, 1994). No trabalho do professor existe uma exigência de responsabilidade que deve ser compensada pelo reconhecimento do trabalho. Se o docente não percebe o reconhecimento de seu trabalho, a responsabilidade exigida passa a ser concebida como uma sobrecarga geralmente experimentada, um conflito, que repercute negativamente na sua saúde.

As transformações pelas quais a sociedade, em suas várias áreas, vem passando, reflete mudanças significativas no cotidiano de trabalho universitário. Na faceta tecnológica dessas mudanças, adquirem destaque as chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's). O que se observa tanto na literatura como no mercado de trabalho é que os trabalhadores têm sofrido os efeitos das TIC's a partir da intensificação das atividades/tarefas, e do aumento das exigências de atualização para dominar as novas “ferramentas”. No entanto, o tempo “livre” graças à automação de certas tarefas é absorvido por compromissos e outras tarefas cada vez em maior quantidade (Bulard, 2001). Daí, talvez, pode-se inferir a sensação ilusória do aumento de tempo livre que, à princípio, as pessoas têm em relação a automação das atividades.

A flexibilidade, a mobilidade e a velocidade são palavras-chave que estão regendo as formas de se relacionar e trabalhar no mundo contemporâneo. A nova organização do trabalho vem produzir efeitos diversos no trabalhador, contribuindo para reacomodar sócio-subjetivamente o indivíduo trabalhador.

⁴ Psicodinâmica do Trabalho refere-se a uma abordagem científica desenvolvida por Christophe Dejours que tem como foco a saúde mental do trabalhador e sua dinâmica com o trabalho. Abdouchelli, E. Dejours, C. e Jayet, C. Psicodinâmica do Trabalho. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.

Imaginemos um efeito dominó que vem derrubando bloco a bloco até chegar à última peça. Assim, as primeiras peças a serem derrubadas seriam as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais para, depois e, gradativamente, atingir o indivíduo, em sua subjetividade. Parece óbvio, porém é importante colocar que, em se tratando de seres humanos, o efeito dominó não acontece de uma forma tão veloz quanto acontece com os dominós, embora a velocidade imposta pelas novas tecnologias da informação seja maior.

Neste contexto, podemos supor que as instituições universitárias e o trabalho do professor têm sido influenciados pelas características do novo trabalho flexível, impondo uma nova lógica às rotinas acadêmicas, dando ao dia-a-dia dos professores de ensino superior uma dinâmica diferenciada. Evidentemente, sob essa nova determinação, muda o trabalho dos que produzem e transformam os fazeres docentes-cientistas, por muito tempo, representados “como sacerdotes consagrados ao culto ao saber a serviço do bem da humanidade” (Giannotti, 2003, p.10).

Diante das inevitáveis mudanças, Moran (1997) e Pique (1996) apresentam quais seriam os usos mais frequentes no ambiente acadêmico universitário:

A *Internet* é mais um recurso onde pode-se encontrar vários tipos de aplicações educacionais. Moran (1997) destaca os seguintes recursos:

- de **divulgação**: a divulgação pode ser institucional, mostrando seus objetivos e o que a escola possui, como também pode ser específica da biblioteca, dos professores, dos alunos ou de grupos organizados da escola que divulgam seus trabalhos, projetos ou idéias.

- de **pesquisa**: a pesquisa pode ser feita durante as aulas ou fora delas; na biblioteca ou nas salas de laboratório; pode ser uma atividade livre ou obrigatória, individual ou em grupo;

- de **apoio ao ensino**: nas atividades de apoio ao ensino podem-se obter textos, imagens, sons dirigidos ao programa desejado, utilizando-os como um elemento a mais junto aos livros, revistas e vídeos;

- de **comunicação**: novas práticas de comunicação são desenvolvidas nas escolas. Correio eletrônico, Web, listas e grupos de discussão são alguns dos recursos utilizados. Eles proporcionam encontros virtuais entre pessoas, possibilitam a formação de grupos específicos com interesses afins para trocas de informação, e "quebram" as barreiras de tempo e espaço.

Para Pique (1996), existem basicamente três modalidades de utilização dos recursos da *Internet* na Universidade:

- Modalidade **exploratória**: o usuário apenas busca informações na rede, de diversas formas: correspondência eletrônica (e-mail); grupos de intercâmbio de opiniões e informações (listas de discussão, newgroups); FTP (File Transfer Protocol); IRC (*Internet Relay Chat*) e World Wide Web (www).

- Modalidade **informativa**: é enorme a potencialidade da *Internet* como um instrumento para a vida acadêmica. No entanto, não se deve limitar a uma atitude passiva, de receptores de informação e sim contribuir ativamente distribuindo informação, através dos seguintes instrumentos: lista de discussão, World Wide Web.

- Modalidade **educativa**: a universidade poderia não ser somente fornecedora de informação, mas deveria também dar passos na direção daquele que seria o uso mais interessante da rede de computadores, a teleducação, através dos recursos de: correspondência eletrônica (e-mail); lista de discussão, IRC (*Internet Relay Chat*) e World Wide Web (www).

Depois da breve apresentação dos principais recursos e modalidades da *Internet* usados nas universidades e um panorama sobre as transformações ocorridas e que estão vigorando na atualidade, principalmente, àquelas relacionadas ao trabalho, abordaremos agora a categoria profissional de professores universitários.

Para isso, no próximo capítulo, será apresentado um breve histórico da profissão docente, algumas pesquisas e publicações que foram desenvolvidas sobre o trabalho de professores de ensino superior, ou seja, o que se tem debatido sobre o professor do ensino superior e a relação com seu trabalho.

Há um número significativo de pesquisas que retratam as diversas realidades da rotina do professor de ensino superior. Para este capítulo foram selecionados alguns estudos que representam os temas centrais do que, hoje, podemos encontrar na literatura brasileira sobre o trabalho desses professores.

3.1

Breve Histórico: Profissão docente

O que é ser professor universitário? Como é o cotidiano de trabalho do professor de ensino superior diante das transformações mencionadas no capítulo anterior? A forma com a qual o professor realiza suas tarefas mudou ao longo dos anos? A operacionalização de suas tarefas diárias também se transformou? Essas são algumas questões que podemos colocar quando trabalhamos com uma categoria profissional tão importante e, por vezes, tão desvalorizada.

Para o professor da USP Gilberto Teixeira⁵, a profissão professor é a primeira de todas. Mas, o que ele quer dizer com essa afirmação? Primeiramente, ele coloca a seguinte questão: O que é ter uma profissão? E depois: O que é ser professor? Ambas as palavras derivam do latim *professum*, que, por sua vez, vem do verbo *profitēri*: “*declarar perante um magistrado, fazer uma declaração, manifestar-se; declarar em alto e bom som, afirmar, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, confessar, mostrar, dar a conhecer, ensinar, ser professor*”⁶. Segundo Teixeira, em meio a tantas idéias e associações entre professor e profissão, sobressai uma ação - **ensinar**: “*Professor é quem ensina*”. Se considerássemos essa como a única conceituação, talvez fôssemos simplistas demais em relação à relevância que este profissional tem no mundo atual.

Outros autores também falam do surgimento da profissão professor de forma semelhante a acima descrita. Também a tratam como aquela que é ocupada por alguém que tem o dom maior de ensinar.

Pode-se notar em Vasconcelos (2002), que categoria profissional de professor surgiu com o objetivo de transmitir conhecimentos e valores próprios de cada sociedade. O professor, pessoa determinada a ensinar, passou, então, a ter uma importante função. Como ele era considerado um sábio, detentor do conhecimento, ele servia como ponte para aproximar as pessoas que viviam em diversos lugares das grandes evoluções e descobertas que aconteciam ao redor do mundo, pois era ele o responsável pela transmissão de novas idéias e do conhecimento.

⁵O artigo do professor Gilberto Teixeira pode ser encontrado no site: www.serprofessoruniversitario.pro.br

⁶Definição retirada do dicionário Houaiss sem referência do autor sobre a página.

Nesse contexto, é possível imaginar o quanto que, já naquela época, as grandes “modernizações”, impactavam as sociedades que, até então, viviam praticamente isoladas do resto do mundo pela distância geográfica. A inserção da figura do professor como janela para o mundo (grifo meu) “*provocou grande impacto tanto na economia como na constituição do espírito de cidadania e esse impacto é incontestável*” (Vasconcelos, 2002, p.307). A partir desse fato, a autora nos dá pistas dos possíveis reflexos do surgimento da figura do professor na sociedade, sobretudo, na forma como as pessoas passaram a sentir, pensar e agir, ou seja, como as pessoas passaram a olhar e perceber o mundo.

Vasconcelos (2002), contudo, alerta-nos para um outro caminho, aquele que o surgimento da categoria profissional professor, tomou. Para ser professor e passar toda a sua sabedoria e conhecimento para as pessoas, o sujeito devia ser dotado de um dom messiânico. O professor era eleito por seus próprios dons inatos, ou seja, o sujeito já nascia com características para ser professor não era preciso estudar, fazer cursos de especialização, tampouco fazer qualquer tipo de formação para ser professor.

Assim, as capacidades pessoais ligadas aos traços de personalidade daquele sujeito é que determinavam se ele poderia exercer ou não a profissão.

Da exposição deste primeiro quadro sobre a profissão docente daremos um salto para a década de 1970.

Dados registrados por Masetto (1998) mostram que, até a década de 1970, embora já tivessem em funcionamento inúmeras universidades brasileiras e a pesquisa já fosse um investimento em ação, exigia-se do candidato a professor de ensino superior o bacharelado e o exercício competente de sua profissão.

Segundo Masetto (1998), logo no início da profissão docente no Brasil havia uma preocupação muito forte em se encontrar professores competentes para ensinar. Assim, as principais características que um profissional tinha que ter para ser professor de ensino superior, eram: ser competente para ensinar, ser atualizado em seus conhecimentos e experiências, especializados, pesquisadores, produtores de conhecimento e avaliadores, ou seja, verificadores do aprendizado dos alunos.

Para ensinar, o professor tinha que, essencialmente, dominar o conteúdo da matéria a ser transmitida. Não havia preocupação em *como* o professor transmitia esse conteúdo, se havia sido claro em suas explicações, se tinha uma boa comunicação com os alunos, se dominava as técnicas de comunicação e, muito

raramente, havia a preocupação com os sentimentos e emoções que mobilizavam os professores em seu trabalho.

Ao longo do tempo, desde seu surgimento até os dias atuais, a profissão docente e suas atribuições vêm, assim como a sociedade, passando por um contínuo processo de transformação, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Embora nem sempre aceitas de imediato, as mudanças trouxeram e ainda trazem evoluções significativas ao trabalho do docente de ensino superior em vários âmbitos, que vão desde reestruturações relativas ao papel do professor e à metodologia empregada em sala de aula, até a inserção e uso de equipamentos para “facilitar” seu trabalho.

As mudanças na profissão docente demandaram e ainda demandam diferentes necessidades de pesquisas embora, hoje, encontramos um leque variado de temas em relação ao trabalho docente de ensino superior. Um tema me chama muito a atenção. Podemos concordar, por exemplo, que a “facilidade” citada por alguns autores em relação à inserção das novas tecnologias da informação no trabalho do professor, é relativa, pois, ao considerarmos a subjetividade de cada professor, consideramos também que cada um deles irá perceber e sentir tais evoluções de formas diferentes. Fazendo um paralelo com as transformações sócio-econômico-culturais, o que podemos dizer da profissão professor de ensino superior na atualidade? O que se tem estudado sobre o professor de ensino superior?

Quando comecei a fazer o levantamento bibliográfico para este projeto de pesquisa fiquei um pouco incomodada em relação às pesquisas que eu encontrava sobre o tema “trabalho de professores de ensino superior”. Incomodada porque muitas pesquisas que abordam o trabalho docente chegam quase sempre às mesmas questões: qual a metodologia usada pelos professores na atualidade? Quais os recursos tecnológicos usados por eles? Esses recursos facilitam a aprendizagem dos alunos? O que o professor faz, no seu trabalho, para chegar a um nível esperado de aprendizagem do aluno? Dessa forma, parece que a relação professor X trabalho ainda é mais explorada levando em consideração fatores externos ao professor e, menos explorada, no que se refere aos fatores internos, ou seja, na subjetividade do professor.

Grande parte das pesquisas sobre o trabalho do professor de ensino superior engloba suas práticas, ou seja, a metodologia usada em sala de aula, as

ferramentas que este utiliza ele usa, o tipo de pedagogia aplicada, a relação professor-aluno e outras. Veremos mais adiante alguns exemplos dessas pesquisas.

Parece que a preocupação da maioria dos pesquisadores é com os resultados do trabalho docente em relação aos seus alunos: se o aluno teve facilidade ou dificuldade de aprender com as estratégias adotadas em sala de aula pelo professor a relação professor-aluno e outras citadas anteriormente. A partir do próprio referencial teórico encontrado, constatei que não era bem isso que eu estava procurando. O que de fato estou procurando são pesquisas que consideram as sensações e os sentimentos do professor em relação ao seu trabalho.

Embora esses trabalhos sejam de grande relevância para as inovações e aprimoramento do campo profissional docente, a preocupação com o trabalho do professor nesta pesquisa vai além dos resultados concretos de aprendizagem. Há de se considerar o professor não somente como uma agente na evolução do processo ensino-aprendizagem, mas como um trabalhador que tem suas singularidades, percebem e sentem as mudanças na sua profissão de diferentes formas.

Assim, o aluno não desaparece de cena, ele também faz parte do contexto de trabalho do professor e da construção da sua subjetividade. A figura do professor “trabalhador”, aquele que tem suas especificidades na carreira profissional, é agora o protagonista deste cenário.

Alguns pesquisadores, tais como Anastasiou e Pimenta (2005), acreditam que a percepção dos professores em relação ao seu trabalho, seja ela positiva ou negativa, tem um grau de mobilidade; ou seja, a percepção desses professores muda de acordo com o tipo de instituição que ele leciona. Este e outros fatores fogem, em parte, do controle do professor, pois são padrões e regras “impostas” pela instituição de ensino. O trabalho dos professores de ensino superior será diferente, afirmam, e está relacionado ao tipo de instituição em que eles trabalham; ou seja, cada instituição de ensino tem uma dinâmica própria e esta pode influenciar na dinâmica de trabalho dos professores. Vejamos.

No livro “Docência no Ensino Superior”, Selma G. Pimenta e Léa das Graças C. Anastasiou (2005) traçam um extenso panorama sobre a docência no 3º grau, que vai desde a constituição das primeiras universidades no Brasil até temas relativos à constituição da identidade docente. Em relação ao trabalho dos

professores de ensino superior dedicam um capítulo intitulado “*Profissão de professor: condições de trabalho no ensino superior*”, onde citam os vários fatores que são vários os fatores que influenciam o trabalho dos professores de ensino superior. Entre eles estão:

a) Condições de trabalho no ensino superior

Segundo as autoras, a instituição que o professor leciona, as formas de ingresso na instituição, os vínculos estabelecidos com a instituição, a jornada de trabalho e os compromissos dela derivados, assim como a legislação que as regulamenta, podem influenciar diretamente no trabalho dos professores e estes fatores diferem de instituição para instituição.

De acordo com dados fornecidos pelo Inep⁷, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, temos hoje instituições públicas, particulares, em regimes diferenciados de dedicação ao trabalho, podendo o professor ter vínculo integral, parcial ou ser horista. Para cada uma dessas categorias, os professores têm e deles são exigidas determinadas atribuições e atividades referentes ao ensino na universidade. De certa forma, podemos dizer que essas primeiras categorizações a respeito da profissão docente já dizem um pouco do trabalho do professor como veremos a seguir:

Os professores de tempo integral, por exemplo, encontram-se em maior número nas universidades públicas e deles são exigidos três funções principais: ensino, pesquisa e extensão. Geralmente, para estes professores há um plano de carreira à longo prazo.

Os docentes de tempo parcial são a minoria, tanto nas universidades públicas quanto nas particulares. Para estes também há o plano de carreira com ressalvas para algumas universidades particulares.

Já em relação aos docentes horistas, acontece o contrário das universidades públicas. O maior número de professores concentra-se em instituições particulares e, raramente, o professor encontra um plano de carreira.

Dessa forma, os dados levantados por Pimenta e Anastasiou (2005) apontam para a conclusão de que grande parte dos professores horistas é contratada para executar ações em períodos específicos, ou seja, determinado

⁷ Para dados mais detalhados sobre o Sistema Educacional Brasileiro consultar a página do Inep na internet: www.inep.gov.br

número de horas/aula, sem tempo remunerado para a preparação de aulas, por exemplo. O professor é pago pela hora/aula para a qual ele foi contratado.

b) Profissão de professor e condições de trabalho

Anastasiou e Pimenta (2005) dizem que as oportunidades de emprego para professores de ensino superior vêm crescendo devido ao aumento do número de instituições particulares de ensino superior. Porém, mesmo com o aumento de empregos na área, verifica-se pouco interesse por parte das instituições em se avaliar o processo de profissionalização do docente de ensino superior, pois parte-se do princípio de que a docência, nesse nível, está associada à formação na área específica. Assim, se o profissional é psicólogo ele poderá lecionar em disciplinas que tenham afinidade com a sua formação. Se ele é clínico, dará aula de psicologia clínica e assim por diante. Cabe ressaltar também que essa associação não acontece obrigatoriamente. Muitas vezes o que acontece é que a atividade docente - ou seja, ser professor, - torna-se uma atividade complementar do seu salário.

c) Dos saberes às competências: reduzindo a docência a técnicas.

Segundo Anastasiou e Pimenta (2005), há uma crescente necessidade de melhores qualificações e especializações no mercado de trabalho atual. Por conta disso, os professores se vêem na busca contínua por cursos de pós-graduação para aumentar a sua competência profissional. A lógica das competências, segundo as autoras, deposita no trabalhador a responsabilidade de adquirir novas competências permanentemente. Assim, não é mais responsabilidade da instituição oferecer cursos de formação continuada, mas cabe ao próprio profissional “correr atrás” para permanecer no mercado de trabalho.

Há outra divisão semelhante proposta pela professora do mestrado em Educação da PUC-PR, Maria Aparecida Behrens. Na sua obra *“A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno”* (1998), ela fala em quatro tipos de docência de ensino superior:

a) Profissionais de várias áreas do conhecimento que se dedicam à docência em tempo integral.

b) Os profissionais que atuam no mercado de trabalho específico e dedicam ao magistério algumas horas por semana.

c) Profissionais docentes da área pedagógica das licenciaturas que atuam na universidade e, paralelamente, no ensino médio (educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio).

d) Profissionais da área de educação e das licenciaturas que atuam em tempo integral na universidade.

Parece óbvio, mas é importante deixar registrado o quanto cada um desses tipos de regime de trabalho, apontados pelas autoras, pode influenciar no dia-a-dia do professor. Entre os fatores mais visíveis estão: a rotina diferenciada desses professores de acordo com a instituição em que ele trabalha, as atribuições que lhes são asseguradas, as regras e os padrões pré-concebidos pela própria universidade, os espaços de trabalho que os professores têm para ocupar dentro da instituição, etc. Outros fatores, porém, podem passar despercebidos pelos próprios professores, tais como: as reorganizações que fazem em suas vidas, os vínculos que são estabelecidos com as pessoas que estão ao seu redor e, de fato, como tudo isso vem influenciar na sua vida profissional.

Visto este breve panorama geral do trabalho do professor de ensino superior, a partir de agora, passo a apresentar algumas pesquisas que representam, em parte, o que vem sendo feito no campo de trabalho do docente de ensino superior.

3.2

O Trabalho do Professor de Ensino Superior: pesquisas relacionadas

Ao revisar a produção científica brasileira sobre trabalho e docência superior, identificamos algumas tendências acerca das pesquisas que são desenvolvidas em relação a professores de ensino superior. Na maioria dos estudos, os pesquisadores exploram o processo ensino-aprendizagem, a formação continuada do professor de ensino superior, metodologias pedagógicas, métodos de avaliação e, em menor grau, o trabalho do professor no contexto contemporâneo, a partir da inserção das novas tecnologias da informação e telecomunicação, em especial a *Internet*, tendo nesse último tema destaque para experiências com novos *softwares* a serem usados no processo ensino aprendizagem, a EAD - Educação a Distância, e no PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação.

Assim, iremos subdividir a revisão da literatura em quatro grandes blocos para mostrar ao leitor os tipos de pesquisas realizadas nessa área. Observaremos que, algumas vezes, os temas se inter-relacionam devido à complexidade do assunto.

3.2.1

Pesquisas que abordam a prática do professor de ensino superior

Nesse bloco estão as pesquisas que abordam o trabalho de professores de ensino superior como sinônimo de “práticas” que são realizadas por eles no seu cotidiano profissional.

Seddon (1991) aponta que a maioria das pesquisas realizadas em relação ao professor tem uma perspectiva estritamente psicológica e individualista no sentido de colocar a responsabilidade pelo fracasso na aprendizagem dos alunos somente no professor. Segundo a autora, o problema do processo ensino-aprendizagem está mais vinculado às deficiências pessoais do próprio professor do que às limitações contextuais referentes ao local de trabalho. Talvez, essa atribuição às deficiências do professor seja um resquício do pensamento originado no início da profissão docente, de que os professores teriam um talento inato para ensinar reafirmando que não são todas as pessoas que têm o dom para ensinar.

Seddon (1991) aponta para outra vertente de pesquisas sobre professores. Essa perspectiva vê o magistério como profissão, como categoria de trabalho, ou seja, como qualquer outra profissão que tem seus regulamentos, suas regras de conduta etc. Neste caso, a preocupação em relação ao trabalho do professor não se dá somente na metodologia aplicada em sala de aula ou ao processo ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, sobre características do trabalho que são inerentes a qualquer outra categoria profissional. Dessa forma, profissão docente é tida como uma atividade socialmente construída, que envolve profissionais comprometidos com os processos de trabalho e com a organização desse trabalho.

Em *“Docência na Universidade: Professores inovadores na USP”*, Helena Coharik Chamlian (2003) destaca a necessidade de se estudar a formação do professor universitário, de compreender a relação ensino/pesquisa na universidade e suas decorrências para o exercício da função docente e conclui que a prática cotidiana do trabalho docente segue, basicamente, três caminhos:

pesquisar, escrever e publicar. Nessa pesquisa, foram entrevistados 18 professores de ambos os sexos com idade média entre 45 e 50 anos e a maior parte dos professores possuía entre 15 a 25 anos de experiência na universidade.

Já em “*A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: Novos desafios para as faculdades de educação*”, Acácia Zeneida Kuenzer (1998) faz um panorama mais amplo, contextualizando a formação de professores frente às mudanças sociais, políticas e econômicas atuais. Define o professor no contexto atual, já que a idéia messiânica de distribuidor de idéias socialmente produzidas ficou ultrapassada. Hoje, segundo a autora, o professor tem muito mais atribuições e tem muito mais ferramentas de trabalho disponíveis que devem ser trabalhadas na sua formação.

Em “*A formação continuada do docente universitário em cursos à distância via Internet: um estudo de caso*”, Maria de Lourdes Coelho (2002), embora seja uma pesquisa mais quantitativa, mostra as causas que levaram ao sucesso ou ao fracasso os cursos de capacitação à distância para o aprimoramento de professores do uso das novas tecnologias, especificamente da *Internet*. Ela concluiu que o índice de evasão dos cursos à distância é bem alto e, por isso, levantaram as suspeitas das possíveis resistências dos professores universitários em adotar os novos ambientes de ensino e de aprendizagem em suas práticas. Ela também chegou à conclusão de que a jornada de trabalho do professor de ensino superior é grande e que, possivelmente, compromete o seu investimento em uma formação continuada. Outra justificativa que os professores deram para não concluírem o curso foi a falta de tempo seguida da falta de condições de estudo em casa, falta de ambiente no local de trabalho, desorganização pessoal, problemas técnicos e não atendimento às expectativas .

Em “*Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde*”, Célia Alves Rosendo e colaboradores (1999) abordam as práticas docentes no que diz respeito ao planejamento, à execução e avaliação de atividades e o processo ensino-aprendizagem. Os autores fizeram um levantamento descritivo com 29 docentes a fim de obter informações sobre as ações docentes, ou seja, os procedimentos didáticos usados pelos professores na sua prática. Esses procedimentos englobam: práticas de planejamento, práticas de execução do plano e práticas de avaliação da aprendizagem. A conclusão a que

chegaram foi que a prática educacional, que ainda prevalece na atualidade, está pautada na “concepção bancária da educação”, segundo Paulo Freire (1977)⁸.

3.2.2

Pesquisas que abordam aspectos emocionais do professor relacionados ao seu trabalho

Neste bloco, as pesquisas apresentadas referem-se aos aspectos emocionais do professor que estão relacionados à sua prática e também aos fatores ambientais da instituição.

Em “*A exaustão docente: subsídios para novas pesquisas sobre a síndrome de burnout em professores*”, Fátima Araújo de Carvalho (2002) faz uma revisão de estudos bibliográficos sobre a exaustão ocupacional da educação, especificamente, como os professores são afetados pela Síndrome de *Burnout*. *Burnout* é uma expressão inglesa que significa estar exaurido emocionalmente após longa exposição a uma situação estressante, com prejuízo no resultado do trabalho que exerce, no caso, a docência superior. Esta síndrome pode levar, segundo Blase (1982), a pessoa a ter sentimentos negativos, insatisfação no trabalho e à falta de motivação conduzindo ao agravamento da tensão e do sentimento de inutilidade.

Blase (1982) considera que existem dois fatores que podem contribuir para o mal-estar docente: fatores considerados primários e secundários. Os primários são os que têm influência direta sobre a ação dos professores em sala de aula, como por exemplo, o relacionamento com os alunos, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativos. Os fatores secundários, por sua vez, estão ligados às condições físico-ambientais, ao contexto em que exercem a docência como, por exemplo, as condições da sala de aula e os recursos disponíveis para realizar sua aula.

Outro fator apontado por Veenman (1984) que gera insatisfação no professor é o que ele denomina de “choque com a realidade”, ou seja, tudo o que o professor aprendeu ao longo de seu curso de formação “cai por terra” quando o

⁸ Somente para esclarecer, concepção bancária é aquela que acredita que o professor é o único e exclusivo transmissor de conhecimentos e o aluno, apenas o receptor onde será depositado todo o conhecimento; ou seja, educar, nessa concepção, se torna um ato de depositar informações na mente dos educandos, os quais irão recebê-las sem questionamento.

mesmo entra no mercado de trabalho. Os professores se vêem tendo de reformular e estudar tudo o que aprenderam até então. Segundo Veenman (1984, p. 143-178), “*O professor começa a fazer uma revisão de suas atividades e ideais para adaptá-los à áspera e dura realidade da vida cotidiana em sala de aula*”. Dessa forma, segundo o autor, o professor constata que a realidade do seu trabalho não corresponde aos ideais que aprendeu durante seu período de formação.

Preocupação semelhante é o da pesquisadora Eliane Lousada em seu artigo “*Os pequenos grandes impedimentos de ação do professor: entre tentativas e decepções (2004)*” e o da pesquisadora Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva em seu artigo “*O ensino como trabalho*”. Elas fazem uma diferenciação entre o trabalho prescrito e o trabalho real/realizado.

O trabalho prescrito pode ser considerado como a tarefa dada, prescrita pela instituição, as atribuições do professor, o que ele “deve” fazer; o trabalho realizado pode ser considerado como a atividade efetivamente realizada. Dessa forma, podemos entender que, da demanda advinda da universidade, o professor consegue realizar apenas parte das atividades, o que força a instituição, segundo ela, a realizar uma constante *renormalização*; ou seja, a partir do que é efetivamente realizado pelo professor, há uma constante transformação das normas institucionais para se adequar às necessidades dos alunos, ao tempo destinado a determinada atividade e às reflexões durante a própria ação do professor e outras possibilidades.

3.2.3

Pesquisas que abordam o trabalho docente e as novas tecnologias

Neste bloco as pesquisas apontam para a inserção e o impacto que as novas tecnologias da informação estão tendo no trabalho do professor. Entretanto, ficam, mais uma vez, presas ao impacto que as novas ferramentas têm nas práticas docentes. Estes pesquisadores estão preocupados em apontar quais são as inovações que surgiram para “facilitar” o trabalho dos professores. E se, por acaso, as inovações não facilitaram eles levantam questões para o que pode ser feito para maximizar o uso das novas ferramentas.

Na literatura, ainda são recentes os estudos que relacionam o trabalho de professores de ensino superior às novas tecnologias da informação e telecomunicação. Vejamos algumas:

Castelani et al. (1996) estudaram o emprego da Internet como recurso de apoio às atividades de pesquisa entre alunos e professores das faculdades de Economia, Administração e Contabilidade - FEA da Universidade de São Paulo - USP. Os resultados desta pesquisa confirmaram estudos anteriores de que a adoção da *Internet* está condicionada a existência de uma infraestrutura adequada, facilidade de acesso, a familiaridade com a informática e a utilidade potencial para os pesquisadores. O uso da *Internet* está exercendo papel complementar nas atividades de pesquisa, sendo que o papel principal continua sendo desempenhado pelos recursos tradicionais. Destaca-se o relato de entrevista com um professor quando diz que usar a *Internet* “... exige uma mudança drástica de comportamento e gera um grande custo psicológico. Muitas vezes a rede nos causa uma falta de segurança intelectual (...) Não se muda de um dia para outro...”. Neste momento, o que foi expresso vai além das dificuldades práticas em utilizar a rede. É necessário um tempo de adaptação para que os pesquisadores possam assimilar e incorporar este novo instrumento como fonte de informação e comunicação em seus trabalhos.

Recente pesquisa realizada por Paldês (1999) com professores de graduação da Universidade Católica de Brasília constatou que 94% dos entrevistados já utilizavam a *Internet* como fonte de informação e 87% pretendiam incluir ou aprimorar sua utilização como recurso educacional. As duas maiores vantagens do uso educacional da *Internet*, na opinião de seus pesquisados, foram a possibilidade de interagir com pessoas geograficamente afastadas e a atualidade das informações disponíveis na *Internet*. Como desvantagens foram apontadas: a pouca disponibilidade de laboratórios para acesso a rede; a baixa velocidade de resposta e a dificuldade de utilização da rede, seja pelos alunos, seja pelos professores como pontos de desvantagens no uso da *Internet*.

Pesquisa semelhante foi realizada por Faqueti (1999) com professores do Colégio Agrícola de Camboriú/UFSC. Os resultados obtidos foram similares aos de Paldês (1999). A maioria dos professores utilizavam a Internet como recurso informacional.

Apontaram como maiores vantagens: a atualidade de seus conteúdos disponíveis, a facilidade de acesso a pessoas/instituições de diversas nações e a quantidade de informações existentes. A baixa velocidade das respostas, a pouca disponibilidade de horários no laboratório e as dificuldades de utilizar a rede foram os itens mais apontados como desvantagens no uso da *Internet*. O uso de catálogos, de revistas eletrônicas e de bases de dados foram pouco indicados, enquanto que as listas de discussão não eram usadas. Os professores consideraram importante que a biblioteca contribuísse para otimização do uso da *Internet* na escola através da organização de uma página de links, treinamento de usuários e disponibilização do acervo via on-line.

Os relatos, até aqui apresentados, apontaram uma diversidade quanto aos graus de utilização da rede, suas formas e dificuldades.

Ferreira (1995), concluiu que estas diferenças aparecem porque os usuários da *Internet* estão em fases diferenciadas de aprendizagem.

Na primeira fase (**compreensão**), o usuário descobre a *Internet* buscando reconhecer suas vantagens. Na segunda fase (**inclusão**), o usuário incorpora seu uso em suas atividades cotidianas utilizando basicamente as principais ferramentas de acesso à rede. Na terceira fase (**adoção**), o usuário amplia a utilização da rede para solucionar questões imediatas e de caráter variado. Na quarta fase (**transformação**), o usuário atinge um nível de conhecimento mais apurado e passa a usar a rede como real fonte de informação e comunicação.

Nos ambientes acadêmicos, o impacto da TI é bastante acentuado em virtude da natureza do trabalho científico, fortemente voltado ao intercâmbio de informações e experiências entre pesquisadores. Rice e Case (*apud* BOFF, 1994, p.64) apresentam alguns argumentos que confirmam essa idéia: a) as universidades são ambientes típicos de processamento de informação; b) o intercâmbio de informações é essencial para a produtividade e o progresso da pesquisa e de seus pesquisadores; c) num futuro próximo, informações sobre pesquisa serão produzidas inteiramente por meios eletrônicos; e d) problemas de alocação de recursos nas universidades podem ser resolvidos com o auxílio de sistemas de comunicação por computador.

Os recursos da *Internet* apresentam as seguintes características, segundo Castalani (1996) e Piqué (1996): O correio eletrônico (*e-mail*) é um sistema que permite trocar mensagens entre os seus usuários; a teia mundial (*WWW*) é um

sistema de publicação da *Internet* que utiliza o recurso de hipertexto. É o local onde se encontram as *homepages*, páginas criadas por pessoas, empresas, instituições e órgãos governamentais e que trazem informações em forma de texto, imagens (fotografia, ilustrações), vídeo e som; a lista de discussão (*mailing lists ou chat*) é um sistema baseado no correio eletrônico, onde é criada uma lista de pessoas que desejam discutir um assunto de interesse comum; o sistema de acesso remoto (*telnet*) permite transformar um computador em terminal de outro computador distante para acesso a bases de dados como, por exemplo, catálogos de bibliotecas e índices financeiros; os grupos de discussão (*newsgroup USENET ou listserv*) que funcionam como um mural eletrônico, no qual cada grupo se refere a um assunto, cuja função é similar à lista de discussão, com algumas diferenças; e a transferência (cópia) de arquivos (*FTP*), sistema em que os arquivos são disponibilizados no diretório de algum computador para serem copiados.

O número de seus usuários tem duplicado a cada ano – são cerca de 50 milhões em 1996 – e a cada dia surgem 1.600 novos serviços (ALMAQUE ABRIL, 1997). Segundo pesquisa realizada por Castelani (1996), os serviços mais populares da *Internet* são a *World Wide Web (WWW)*, o *e-mail* (correio eletrônico), o *listserv ou newsgroup*, o *chat ou mailing list* e o *telnet*.

Em resumo, a *Internet* é percebida como um recurso importante de informação e comunicação nos meios acadêmicos pela maioria dos entrevistados. Seu uso, enquanto recurso educacional mais amplo encontra dificuldades técnicas (equipamentos, linhas de transmissão, etc), pessoais (falta de conhecimento específico sobre a rede e suas aplicações na educação, dificuldades de adaptação e mudanças para incorporar seu uso) e ambientais (projeto didático-pedagógico, falta de cooperação e parceiras). Essas conclusões ratificam sobremaneira a necessidade de ampliação das discussões sobre o uso da *Internet* na educação, e de planejar sua inserção no meio acadêmico de forma participativa com todos os segmentos envolvidos.

Massetto (1998) fala, brevemente, sobre o impacto da nova revolução tecnológica sobre a formação de professores. Com a revolução das novas tecnologias, o conhecimento e a informação tornaram-se a mais forte moeda do mercado afetando o próprio desenvolvimento do conhecimento e de produtos de modo geral. Além disso, exige qualificação dos profissionais, revisão de

categorias ocupacionais, formação continuada dos profissionais, bem como novas capacitações como, por exemplo, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação; ou seja, profissionais intercambiáveis, que combinem imaginação e ação.

O autor diz que, diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, a universidade e, conseqüentemente, os professores terão de rever as suas práticas, os currículos de formação profissional e os perfis das carreiras para satisfazer as demandas atuais. Para Masetto o papel do professor está em crise e precisa ser totalmente repensado.

Anastasiou e Pimenta (2005) falam também, muito rapidamente, sobre o impacto que as novas tecnologias estão produzindo na Universidade, atribuindo maior ênfase ao professor. Sempre ligadas às problemáticas políticas e educacionais, as autoras falam do impacto das novas tecnologias sobre o professor, sobretudo, em relação à sua prática e não ao ser humano. Elas dizem que, se a organização social muda a partir das novas tecnologias da informação, a universidade também deverá mudar alguns de seus princípios para se adaptar às novas demandas. Dessa forma, o professor torna-se o principal agente modificador deste contexto exercendo o papel mediador entre a Sociedade da Informação (termo usado pelas autoras), ou seja, as novas tecnologias e o conhecimento.

Este grupo de pesquisas reúne uma pequena mostra do que vem sendo produzido em pesquisas sobre o trabalho do professor de ensino superior e novas tecnologias. Mesmo diante do número significativo de estudos nessa área, foi difícil encontrar pesquisas que tratassem, especificamente, dos sentimentos dos professores em relação à inserção das novas tecnologias da informação em seu trabalho.

Foram encontrados estudos sobre os sentimentos dos professores e sobre as novas tecnologias, mas enquanto algumas pesquisas apontam para interesses mais pragmáticos da profissão, outras não inserem as novas tecnologias como possível ferramenta que transforma a forma de sentir, pensar e agir desses professores. A partir deste ponto de vista, parece que a lacuna na literatura é justamente o ponto de encontro das variáveis: trabalho, tecnologia e sentimentos docentes.

A partir desse contexto, faz-se necessário pesquisar este campo que parece ser ainda tão pouco explorado: Quais serão os possíveis efeitos psicológicos da inserção do processo de informatização no trabalho dos professores de ensino superior?

Assim como iniciamos este capítulo, consideramos pertinente finalizá-lo com outro trecho da crônica de Cecília Meireles para reforçar a atual questão de pesquisa imersa às mudanças e inovações tecnológicas no campo de trabalho. Esta citação nos instiga a atualizar e contextualizar o trabalho dos professores de ensino superior.

“Todos sabem que é difícil esse contínuo buscar, esse constante aprender. Mas ninguém afirmou nunca ser fácil a função de mestre, e é de desejar também que ninguém a tenha escolhido por uma aspiração de entorpecimento espiritual. Se a vida é uma renovação de todos os dias, é natural que seja uma evolução ininterrupta a existência daqueles que justamente a vão dirigir. E não só nessa transformação intelectual de cultura reside a obrigação de atualidade do educador. Há que atender à ética do tempo, e à fisionomia dos fenômenos sociais”.

[Cecília Meireles, trecho da crônica: As qualidades do educador, p.177-178 - Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 18 de Outubro de 1930]

Levando-se em consideração que o contexto social muda, o trabalho também deverá mudar. As novas configurações no trabalho, possivelmente, irão requerer reorganizações pessoais internas que, até então, não seriam imagináveis de acontecer. Temos de reconhecer que elas são complexas e que nem sempre acontecem a curto prazo. As mudanças subjetivas, provavelmente, precisam de um tempo maior, que nem sempre acompanham as sociais. O emaranhado de redes internas, de crenças, valores e hábitos estabelecidos a partir de toda uma história de vida não se “dissolve” com facilidade.

Partindo desse raciocínio, como as novas regras, novos padrões e novas formas de trabalhar estão sendo encarados pelos professores de ensino superior?